 DOI: 10.51161/ii-infectocon/9268

IST`S EM MULHERES LÉSBICAS: PREVALÊNCIA E FATORES DE RISCO

ILDONETE RODRIGUES DA SILVA ,AMANDA ALMEIDA DE SOUZA, JOANNA LARA CASTELO RODRIGUES, LUIS DAMAZIO PIRES DE SOUSA, ROBERTA HELENA MARQUES DE OLIVEIRA

RESUMO

Introdução: Minorias sociais, como mulheres lésbicas encontram-se desassistidas em práticas de saúde integradas, principalmente no que se refere a saúde sexual. Desse modo, essas ficam em situação de extrema vulnerabilidade, para um potencial risco de contaminação por infecções sexualmente transmissíveis, já que não possuem assistência profissional, nem acesso à informação de procedência confiável. **Objetivos:** Abordar o risco de infecções sexualmente transmissíveis no sexo entre mulheres, destacar o despreparo profissional dos profissionais de saúdes, no que tange a orientação a essas mulheres quanto à prática sexual segura. **Material e métodos:** Revisão de Literatura dos dados provenientes de artigos originais previamente publicados em periódicos indexados ao Pubmed. Foram encontrados 1022 artigos e selecionados 6. A amostra contém os artigos sobre o tema nos últimos 5 anos (2017-2022) e manuais do Ministério da Saúde.**Resultados:**Os resultados mostram um consenso entre os pesquisadores citados, acerca da vulnerabilidade às ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) vivenciadas pelas mulheres lésbicas. Dentre os principais fatores associados, é dada ênfase ao despreparo dos profissionais de saúde, a existência de informações incorretas divulgadas entre as próprias mulheres, a crença de que o risco de transmissão das ISTs não existe entre as lésbicas e a falta de materiais de proteção adequados às diferentes práticas sexuais. Evidencia-se também o risco de infecção pelo papiloma vírus humano (HPV), em qualquer forma sexual, uma vez que existe a troca de fluidos, o que as expõem conseqüentemente ao risco de câncer de colo uterino, dentre outros. A falta de conhecimentos básicos, nunca ter realizado sorologias para IST/Aids, ter parceria eventual nos últimos 12 meses e ter relação no período menstrual dobraram o risco de IST.**Conclusão:** Diante do exposto, evidencia-se que mulheres que fazem sexo com mulheres possuem maior propensão a terem relações desprotegidas devido à falta da disseminação de informação sobre a propagação de ISTs em mulheres lésbicas. Dessa forma, ratifica-se a importância de medidas de promoção de saúde, além de profissionais de saúde preparados para acolher essas mulheres e fornecer informações de qualidade, a fim de promover maior debate sobre esse assunto ainda pouco abordado e um atendimento humanizado para essas mulheres.

Palavras-chave: IST's.Lésbicas.Prevalência.

 DOI: 10.51161/ii-infectocon/9268

1 INTRODUÇÃO

Mulheres lésbicas encontram-se perante o viés social e o sistema de saúde, em situação de invisibilidade extrema, tornando-se assim vulneráveis à contaminação por infecções sexualmente transmissíveis, já que se encontram desassistidas de práticas integradas de saúde, principalmente no âmbito da atenção primária, com enfoque na prevenção e promoção de saúde, em práticas voltadas à educação sexual (MARIANO, 2020).

Essa vulnerabilidade, no que tange ao sexo entre mulheres, está associada à ausência da disseminação de informações de caráter científico, acerca dessas práticas sexuais, atrelada ao despreparo dos próprios profissionais da saúde, faz com que essas mulheres se tornem reféns de crenças ilegítimas, como de que apenas o sexo heterossexual possui potencial de transmissibilidade e contágio por IST's (ANDRADE, 2017).

Desse modo, perante essa perspectiva, se faz necessária a introdução de políticas sociais e práticas integradas, voltadas à atenção em saúde de mulheres lésbicas, com o objetivo de capacitar os profissionais de saúde, visando um atendimento integral e humanizado, além de promover à educação sexual, com orientações e informações de caráter científico, acerca da proteção, durante as relações sexuais entre lésbicas, para que dessa forma essas possam desfrutar de um sexo seguro e não fiquem em situação de vulnerabilidade, diante do contágio de infecções sexualmente transmissíveis.

2 OBJETIVO

Objetiva-se analisar a vulnerabilidade de mulheres que fazem sexo com mulheres às IST, retratando o perfil das participantes referente às características sociodemográficas e segundo as dimensões de vulnerabilidade, além de abordar de maneira clara e objetiva informações acerca do risco de infecções sexualmente transmissíveis no sexo entre mulheres, destacando a falta de preparo profissional dos funcionários das instituições de saúde, no que tange a orientação a essas mulheres quanto à prática sexual segura. Também objetiva-se desmistificar a crença ilegítima entre as próprias praticantes, de que os riscos são poucos, ou inexistentes de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis no sexo entre lésbicas.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O desenho do estudo, inicialmente, se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, tendo como fonte artigos e manuais. Esse tipo de pesquisa, além de possibilitar o alcance de um amplo número de informações e dados dispersos em várias publicações, também auxilia na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto. Na base Pubmed, escolhida como padrão foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: somente foram selecionados artigos em função de sua grande circulação tanto no meio acadêmico como profissional, na íntegra em português, inglês e espanhol no período de 2017-2022, e nos manuais do Ministério da Saúde.

Os artigos foram analisados a partir de uma adaptação da técnica de análise de conteúdo, modalidade temática. Em síntese, basicamente, foram percorridos os seguintes passos analíticos, a identificação das ideias centrais dos trechos transcritos de todos os artigos; depois a classificação dos sentidos subjacentes às ideias em temas que resumem a produção do conhecimento acerca do assunto estudado; elaboração de síntese interpretativa dos resultados extraídos do acervo analisado. Nessa síntese interpretativa, foram utilizados como referência

 DOI: 10.51161/ii-infectocon/9268

teórico-analítica os conceitos de IST's, lésbicas e vulnerabilidade, mencionados na introdução deste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa bibliográfica feita pelos autores do presente artigo evidenciam um consenso entre os pesquisadores citados, acerca da vulnerabilidade às ISTs vivenciadas pelas mulheres lésbicas. Dentre os principais fatores associados, é dada ênfase ao despreparo dos profissionais de saúde, a existência de informações incorretas divulgadas entre as próprias mulheres, a crença de que o risco de transmissão das ISTs não existe entre as lésbicas e a falta de materiais de proteção adequados às diferentes práticas sexuais.

Segundo Mariano (2020), os piores resultados de saúde e o pior acesso aos cuidados de saúde estão para as minorias sexuais devido à falta de respeito, negligência nos atendimentos, falta de formação especializada para lidar com esta população e atitudes negativas dos profissionais de saúde. Dessa forma, muitas mulheres temem falar de sua orientação sexual a um profissional por causa de preconceitos e acabam não esclarecendo suas eventuais dúvidas e anseios.

Rufino et al. (2014), observou em uma amostra com 582 mulheres, que mulheres que só fazem sexo com mulheres, são mais propensas a adotarem práticas sexuais desprotegidas e consultam menos um ginecologista quando comparadas a mulheres que fazem sexo com homens e mulheres. Além disso, mesmo quando conversam sobre suas práticas sexuais com o profissional, elas acabam recebendo menos informações sobre a prevenção de IST durante suas práticas sexuais.

Somado a isso, a crença de que os riscos de transmissão só existem nas relações heterossexuais, através da penetração vaginal, levam as mulheres que praticam sexo com outras mulheres a adotarem práticas inseguras, uma vez que, a despeito do que se acredita, as ISTs podem ser transmitidas através do sangue menstrual e da secreção vaginal, onde podem conter vírus, bactérias, fungos e protozoários, que podem ser causadores de doenças sexualmente transmissíveis (BRASIL, 2007; BRASIL 2015; ACOG, 2012).

Nesse sentido, mais uma vez fica clara a importância de profissionais de saúde preparados para acolher essas mulheres e fornecer informações de qualidade, como orientações sobre: o uso de luvas na penetração vaginal com dedos, uso de barreiras dentais, o uso de preservativos em brinquedos sexuais compartilhados, evitar contato com secreções e sangue da parceira, além de reforçar a necessidade do exame preventivo para câncer de colo uterino.

É importante salientar, que os riscos estão associados às diferentes práticas sexuais, conforme elucidado por Mariano (2020), que mostra que durante o sexo oral, por exemplo, pode ocorrer o contágio de sífilis e herpes; no sexo com contato com a mucosa vaginal, conhecido como "tesourinha" e no sexo com penetração, podem ocorrer infecções como sífilis, verruga vaginal, herpes, vírus da imunodeficiência humana (HIV), clamídia e gonorréia. Quando ocorre um contato com sangue durante a prática sexual, que pode ser devido a menstruação com alguma fissura, pode ocorrer o contágio de sífilis, hepatites e HIV (BRASIL, 2014; BRASIL, 2007).

O mesmo estudo feito por Rufino et al. (2014), supracitado, mostra a vulnerabilidade dessas mulheres quanto à infecção pelo papiloma vírus humano (HPV), uma vez que existe a troca de fluidos, o que as expõem conseqüentemente ao risco de câncer de colo uterino, dentre outros. Nesse contexto, reforça-se a necessidade de exames periódicos de prevenção, como o

 DOI: 10.51161/ii-infectocon/9268

papanicolau, uma vez que, a transmissão acontece por meio de contato direto com a pele ou mucosa infectada, desta forma o HPV pode ocorrer mesmo não havendo penetração vaginal ou anal (INCA, 2014).

Um outro estudo, realizado por Oliveira et al. (2016), faz uma análise epidemiológica com uma amostra de 91 mulheres, objetivando identificar a relação entre as atitudes e práticas de prevenção do HIV / AIDS de mulheres lésbicas. Esse estudo apresentou evidências clínicas de que mulheres lésbicas estão sujeitas a contrair HIV, uma vez que, cerca de 63% das entrevistadas não usavam métodos de prevenção, 58% nunca fizeram teste para HIV, 60% já tiveram relação desprotegida durante a menstruação e 54% compartilhavam brinquedos sexuais. Reforçando tais evidências, um estudo internacional feito em 2011 já apontava que ter relação sexual apenas com mulheres não deve ser considerado baixo ou nenhum risco para IST (GORGOS; MARAZZO, 2011) e em 2012 outra pesquisa confirmou a transmissão de HIV entre casal feminino (CHAN et al., 2012).

Segundo Andrade (2017), em estudo realizado com 150 mulheres lésbicas, residentes no interior Paulista, a falta de conhecimentos básicos, nunca ter realizado sorologias para IST/aids, ter parceria eventual nos últimos 12 meses e ter relação no período menstrual dobraram o risco de IST.

Ainda segundo Andrade (2017), considerando a Política Nacional de Atenção Básica, cuja diretriz estabelece mecanismos que assegurem a acessibilidade de modo universal, com a função de reconhecer as necessidades de saúde da população (BRASIL, 2012b) e a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT, que reforça a necessidade de ampliar o acesso da população LGBT aos serviços de saúde do SUS (BRASIL, 2013a), fica evidente a necessidade de buscar estratégias para atender a esses preceitos e mudar a realidade apresentada.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, observa-se que existe uma crença de que os riscos de transmissão de ISTs só existem nas relações heterossexuais, através da penetração vaginal, fato que acarreta na adoção de práticas sexuais inseguras por mulheres lésbicas, uma vez que, a despeito do que se acredita, as ISTs podem ser transmitidas através do sangue menstrual e da secreção vaginal, onde podem conter vírus, bactérias, fungos e protozoários, que podem ser causadores de doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, evidencia-se que mulheres que fazem sexo com mulheres possuem maior propensão a terem relações desprotegidas devido à falta da disseminação de informação sobre a propagação de ISTs em mulheres lésbicas, tanto nos meios de comunicação quanto pelos próprios profissionais da saúde. Dessa forma, ratifica-se a importância medidas de promoção de saúde e de cuidado, políticas sociais, práticas integradas, além de profissionais de saúde preparados para acolher essas mulheres e fornecer informações de qualidade, tanto por meio da Atenção Básica, como por meio de redes sociais, a fim de promover maior debate sobre esse assunto ainda pouco abordado e um atendimento humanizado para essas mulheres.

REFERÊNCIAS

ACOG (The American College of Obstetricians and Gynecologists). Health Care for Lesbians and Bisexual Women. 2012. Disponível em: https://www.acog.org/clinical/clinicalguidance/committee-opinion/articles/2012/05/health-care-for-lesbians-and-bisexual-women. Acesso em: 23 mai. 2022.

ANDRADE, J. **Vulnerabilidade de mulheres que fazem sexo com mulheres às infecções sexualmente transmissíveis. 2017.** 77f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Chegou a hora de cuidar da saúde: um livreto especial para lésbicas e mulheres bissexuais**. Brasília; Ministério da Saúde; 2007. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/chegou_hora_cuidar_saude.pdf. Acesso em: 23 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde**. Atenção Integral à Saúde de Mulheres Lésbicas e Bissexuais.** Relatório de Oficina, 2014. Disponível em: https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/agosto/31/livreto-atencao-a-saude-demulheres-lesbicas-versao-web.pdf. Acesso em: 21 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis.** Brasília, 2015. Disponível em:https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao _integral_pessoas_infeccoes_sexualmente_transmissiveis.pdf. Acesso em: 23 mai. 2022.

INCA. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Guia Prático sobre o HPV - Perguntas e respostas para profissionais de saúde.** Brasília, 2014. Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//guia-pratico-hpv2013.pdf. Acesso em 21 mai. 2022.

MARIANO, R.C; JÁCOME, M.Q.D. **A exposição de mulheres lésbicas cisgênero a infecções sexualmente transmissíveis em relações sexuais desprotegidas.** Trabalho de Conclusão de Curso de Biomedicina, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020.

OLIVEIRA, Adélia Dalva da Silva; Nery, Inez Sampaio. Mulheres que fazem sexo com mulheres: atitudes e práticas sobre prevenção ao HIV/AIDS. **Revista de enfermagem UFPI**, 2016. Disponível em: https://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/5177/pdf. Acesso em: 23 maio. 2022

RUFINO, Andréa Cronemberger et al. Práticas sexuais e cuidados em saúde de mulheres que fazem sexo com mulheres: 2013-2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** v. 27, n. 4, p. e2017499, 2018. Doi: https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000400005.